

# O TRANSITAR DENTRO E FORA DO TERREIRO: MÃES DE SANTO EM IRATI-PARANÁ

*Data de aceite: 01/09/2023*

**Nadia Maria Guariza**  
(UNICENTRO/ I DEHIS- PPGH)

**Vania Vaz**  
(UNICENTRO/I DEHIS).

centradas em suas motivações e ações como líderes desta religião.

### INTRODUÇÃO: O RECORTE DO TEMA

**RESUMO:** Este trabalho discute a trajetória de três Mães de Santo de terreiros de Umbanda em Irati - Paraná. O termo trajetória aqui não significa trajetória de vida, mas a compreensão de como essas mulheres se aproximaram da Umbanda, tornaram-se líderes em seus terreiros e os desdobramentos dessas atuações em suas vidas. A iniciativa da pesquisa se deu pelo fato dos estudos apontarem que as mulheres exercem, historicamente, funções de liderança nas religiões de matriz africana, além de serem guardiãs de parte da história da Umbanda na cidade de Irati-PR. As entrevistas foram realizadas em março de 2019 com a interlocução entre duas pesquisadoras e entrevistadas. Duas entrevistas foram filmadas e uma apenas gravada. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro prévio, semiestruturado, permitindo a inserção de novas questões. As narrativas visaram a experiência dessas mulheres enquanto Mães de Santo,

Ao recebermos um convite/provocação para pensarmos sobre a história das mulheres paranaense ou melhor a história das mulheres no Paraná, considerando que diferentes deslocamentos permitiram que o estado continuamente recebesse a influência de outros lugares, de outras culturas, inclusive quanto a diversificação de práticas religiosas. Desta forma, caminhamos com um novo tema de pesquisa: mulheres e a Umbanda no Paraná. Esta pesquisa surgiu no primeiro semestre de 2019, com um cronograma de atividades para dois anos. Nos primeiros seis meses foram realizadas entrevistas, no segundo semestre foram realizadas visitas pontuais nas Casas de Axé/Terreiros, com o intuito de conhecer diferentes mulheres que frequentam a religião. Porém a Pandemia da COVID-19

e as políticas de isolamento por questões de saúde pública impediram a continuidade das entrevistas e trabalho de campo. Assim, este texto se propõe a esboçar algumas ideias em torno das entrevistas realizadas em 2019.

Neste sentido, a escolha por estudar as histórias de vida de mulheres mães de santo, na cidade de Irati-Paraná, está diretamente relacionada a escolha de um grupo de lideranças religiosas. Nos últimos anos, na Universidade Estadual do Paraná no campus de Irati, em especial no departamento de História, a questão da identidade e da cultura afro brasileira vem sendo um tema recorrente na pesquisa e na extensão, com destaque para as atividades do Núcleo de Estudos Étnico Raciais (NEER). E gradativamente foram surgindo trabalhos envolvendo o tema de religião. Assim, também acompanhamos o constante fato de mulheres tornarem-se líderes de casas de Axé. Partindo então o recorte deste trabalho: a trajetória de vida de mulheres líderes na Umbanda em Irati-PR.

O contexto histórico-cultural da cidade de Irati, também nos provocou quanto a pensarmos neste espaço de resistência e fé, as casas de axés, frente a um certo conservadorismo de boa parte população. Um conservadorismo muito mais coletivo do que individual. Tanto em estudos com caráter sócio antropológicos ou históricos, fica nítida a presença e a participação da comunidade iratiense nos ritos da umbanda existes há muitas décadas. Os trabalhos de iniciação científica e conclusão de curso de graduação (TCC) da mestrandia Jaqueline Kotlinski, trouxeram, a partir de fontes orais e de fonte escritas parte da constituição e das ações da Umbanda na cidade de Irati a partir dos anos de 1950.

“Quando tivemos acesso a primeira ata de “Fundação da Tenda Espírita Pretos Velhos”, verificamos que a fundação do terreiro ocorreu no dia 24/11/1956. Seguindo investigação, buscamos informações jornalísticas referentes à Umbanda. Analisamos os jornais do período de 1956 a 1960, no entanto, encontramos apenas uma notícia do jornal Tribuna dos Municípios no ano 1957, a qual nos traz indícios a serem discutidos adiante. (KOTLINSKI, 2018 p. 5)

A trajetória da Umbanda em Irati nas últimas décadas permitiu a difusão das práticas em todas as áreas do município e principalmente, possibilitou a formação de diferentes lideranças. Sendo assim, marcamos aqui a presença dessas mulheres líderes e/ou responsáveis por Casas de Axé/ Terreiros de Umbanda, representas neste texto por três mães de santo, as quais administram suas casas distribuídos em diferentes espaços da cidade. São mulheres, mães e realizaram e/ou ainda realizam outras atividades comerciais e de prestação de serviços em diferentes áreas, mantendo atividade profissional e seus compromissos como líderes religiosas.

O contato para a pesquisa, incluindo o contato para as entrevistas foram realizados por meio de indicação de outras pesquisadoras e também de alguns frequentadores e/ou membros do seguimento da Umbanda em Irati-PR. Com a recorrência de trabalhos acadêmicos/científicos acerca das religiões de matriz africana nos últimos anos, podemos relatar uma certa tranquilidade e também interesse das mães de santo em narrarem suas

experiências. Neste contexto uma das mães de santo solicitou que sua fala fosse gravada em vídeo. E isso nos motivou a oferecer o mesmo formato entrevista em áudio e vídeo para as demais. Como saldo desta primeira etapa temos como material para análise e reflexões, duas entrevistas gravadas com áudio e vídeo e uma apenas em áudio. As três gravações ocorrem dentro das Casas de Axé, em dia e horário em que não ocorriam outras atividades.

Optou-se por um roteiro de perguntas semi estruturado com perguntas que procuraram permitir que as entrevistadas narrassem sobre sua trajetória de vida antes de se tornar-se mãe de santo, questões que provocavam a rememoração da infância e juventude das entrevistadas. Na sequência, as perguntas foram direcionadas para quando da aproximação e do ingresso na religião Umbanda e como elas tornaram-se mães de santo. E finalmente, foram feitas perguntas sobre o próprio papel de mãe de santo e como isso influencia as suas relações dentro e fora do terreiro.

Portanto, foi a partir deste roteiro que as entrevistas rememoraram e narraram sobre sua vida e suas experiências com a Umbanda e na liderança de uma família de santo e de um terreiro. Neste sentido, este texto apresenta de maneira geral os resultados das entrevistas realizadas.

No decorrer de todas as narrativas, alguns fatos marcaram por suas semelhanças e proximidades. Todas narraram muito sobre os desafios da administração do tempo e da dedicação para as atividades profissionais e para as atividades/ responsabilidades da religião. Outro ponto muito nítido nas três falas foram seus comentários, muitas vezes na forma de desabaços quanto aos relacionamentos afetivos, antes e depois de terem assumidos seus papéis como mães de santo.

As relações com família e amigos/ colegas fora da religião também estiveram presente em todas as narrativas. Quanto aos outros aspectos: duas mães de santo, nasceram e cresceram em Irati. Ambas narraram algumas lembranças da adolescência ou da juventude sobre a Umbanda, mas afirmaram que o ingresso na Umbanda ocorreu na vida adulta, em épocas marcadas por problemas pessoais.

Uma delas nasceu em Santa Catarina onde viveu por certo período e depois quando mudou-se para o Paraná, primeiro morou em Curitiba e depois por oportunidade de trabalho mudou-se para Irati. Esta senhora, em especial, narrou passagens da infância, quando com frequência participava de sessões de Umbanda, na companhia de seu pai. E que foram vários anos para retomar a proximidade com a religião. Narrou que foi filha de uma das Casas de Axé mais antigas da cidade de Irati, onde por vontade própria passou a aprofundar seus estudos sobre a Umbanda, frequentando inclusive outros espaços, e recebendo orientação de outras lideranças.

Em síntese as três entrevistadas narraram sobre o cotidiano dentro e fora da religião, expondo seus pensamentos sobre o ser mulher, mãe, profissional e mãe de santo. A relação com seus familiares, vizinhos e em especial com seus filhos e filhas de santo surgiram de forma natural e recorrente em suas narrativas.

Cada mãe de Santo, a sua maneira narrou sobre seu cotidiano, a relação do núcleo familiar, os “olhares” que recebem de pessoas que não frequentam a mesma religião. Um tema surgiu em todas as entrevistas, mesmo não sendo abordado diretamente, todas as narrativas falaram dos seus sentimentos como mulher. Mulheres que amam, mulheres que sofreram desilusão amorosas, mulheres que procuram um amor. Narraram de forma divertida, o quanto a posição de “Mãe de Santo”, “assusta” muitos homens, quando perguntam em que área trabalham.

No que diz respeito as relações dentro da religião, é importante frisar que a liderança feminina nas religiões de matriz africana é um elemento preponderante e se apoia na tradição ioruba, além disso estas religiões operam de maneira diferente das religiões ocidentais, sem o binarismo de gênero, a mesma divindade pode apresentar tanto elementos considerados masculinos quanto femininos (GUARIZA; VAZ, 2020, p. 85). Sendo assim, as mulheres exercem papéis importantes na família de Santo, na reprodução e na manutenção destas religiões.

Quanto a atuação das entrevistadas nas casas de Axê em Irati, elas narraram a resistência de alguns filhos em seguir as orientações e a aceitar a liderança da Mãe de Santo, inclusive saindo da Casa de Axê. Enquanto, uma das entrevistadas não creditou conflitos ao fato dela ser mulher na liderança da família de Santo (GUARIZA; VAZ, 2020, p.88).

As três entrevistadas falaram que ingressaram na Umbanda por causa de problemas familiares, ou seja, foram impelidas a entrarem para a religião por causa de “uma dor”, termo usado por elas. Ingressaram como filhas e aos poucos foram percebendo a aptidão ou o dom para tornarem-se sacerdotisas. E por isso, galgaram todos os rituais e as formações necessárias para tal, assim como o desafio de criar uma casa de Axê e mantê-la.

Lucília de Almeida Neves Delgado (2006) afirma que os tipos de entrevistas mais usadas na metodologia da história oral são as histórias de vida e as temáticas. As histórias de vida possuem como objetivo reconstruir a trajetória de vida do entrevistado e podem ter um caráter biográfico individual ou de grupo. Para a autora (2006) as histórias de vida são fontes que permitem analisar os ambientes, as mentalidades, os modos de vida e costumes de uma determinada sociedade. Enquanto que as trajetórias de vida são entrevistas que abordam a história de vida do entrevistado, contudo com menos detalhes.

Nos últimos anos historiadores e historiadoras passaram a compreender as narrativas das pessoas entrevistadas como uma forma de narrarem suas autobiografias. Nesse sentido os profissionais da área de História se aproximam das discussões sobre biografias e auto biografias. Um desses autores é Bourdieu (1996) que afirma que a narrativa autobiográfica procura dar sentido aos acontecimentos vividos, dando inteligibilidade de maneira retrospectiva e prospectiva sobre o passado. Para o autor o narrador ao criar uma narrativa sobre sua história de vida, o faz procurando criar uma coerência por meio da sequencia de acontecimentos encadeados por um significado e direção, criando uma

ilusão retórica.

A ilusão biográfica, de acordo com Bourdieu (1996), é construída a partir do nome do indivíduo que age como um ponto fixo no mundo que se move, permitindo dar uma ideia de continuidade na história de vida. Contudo, o discurso de si está relacionado com o *habitus* do seu grupo de pertencimento e as negociações estabelecidas entre outros grupos.

O indivíduo ao narrar a sua vida procura dar sentido a ela a partir do seu mito pessoal, sendo assim o ato da entrevista permite ao entrevistado repensar a sua própria vida a partir do seu mito pessoal, levando-o muitas vezes a pensar situações que nunca falou ou pensou seriamente (PORTELLI, 2001, p. 12). O mito pessoal passa a ser a sua verdade própria que participa de uma verdade maior, relacionando o indivíduo com a sociedade e a história (FERREIRA; GROSSI, 2004).

A narrativa do indivíduo representa a singularidade de apropriação do universo social que o circunda e, é por este motivo que é possível conhecer os quadros sociais de uma determinada época pelas práticas individuais. Segundo Lejeune (1980) os relatos autobiográficos não são meramente uma forma de transmitir a memória individual, eles se configuram como lugares nos quais se elabora, se reproduz e se transforma a identidade coletiva. E neste texto nos interessa especificamente nos relatos autobiográficos as questões referentes às relações de gênero.

Os estudos de gênero, de acordo com Scott (1990), partem de duas premissas; a primeira diz respeito ao fato de que as relações sociais são marcadas pelas diferenças socialmente percebidas entre os sexos; e a segunda de que as relações de gênero seria a primeira instância em que é dado o sentido às relações de poder na sociedade.

A partir destas duas premissas a autora (1990) propõe a análise das relações de gênero partindo de quatro elementos: os símbolos, os conceitos normativos, o questionamento da fixidez dos padrões normativos e a construção da identidade subjetiva.

A análise das narrativas das entrevistadas permite compreender como elas constroem a percepção sobre si como mulher e líder religiosa no terreiro. Permitindo que elas criem discursos dissonantes e convergentes em relação as representações acerca do papel da mulher na sociedade iratiense. A polifonia produzida por suas narrativas provoca o questionamento em relação aos conceitos normativos de gênero difundidos na sociedade local.

Sangster (2003) aponta a importância da fonte oral para os estudos de gênero, porque ela permite superar a ideologia que domina as palavras das mulheres, analisando as narrativas das entrevistadas percebendo como elas negociam e mudam o ideal dominante.

Não obstante a memória individual integrar a memória coletiva, os narradores constituem uma composição única a partir de suas experiências. Segundo Sangster (2003) a maneira de recordar se constitui como uma seleção do indivíduo considerando as suas vivências e por isso é flexível, subjetiva e sexuada.

Sendo assim, a forma de recordar de mulheres e homens é diferente. Ao narrar

a sua vida os homens o fazem como se tivessem planejado conscientemente cada ato realizado, assumindo uma postura ativa. Enquanto, as mulheres narram mais sobre as suas relações familiares, usando o pronome pessoal no plural, evidenciando que a sua história foi construída em conjunto com o grupo o qual pertence. Neste sentido, as mulheres tendem a diminuir a sua importância nos acontecimentos narrados (SANGSTER, 2003), como é perceptível na narrativa da entrevistada M.

A mulher não pode tocar atabaque, tem certos seguimentos, não aqui na casa, tem certo seguimentos que a mulher não pode tocar atabaque, que a mulher incorporar um espírito estando menstruada, não pode digamos, assim não lembro tem mais coisas. São coisas assim que não deixam a mulher, que ela por ser mulher não pode. Ou até mesmo assim: você não pode trabalhar porque você está grávida. Aqui no terreiro não tem problema nenhum, no terreiro aqui não tem nenhuma grávida e tal, mas mesmo que tivesse as entidades em si cuidam... e você {mulher} está na mesma igualdade do que o homem. (M. , 2019)

De acordo com Leonor ARFUCH (2002), a narração do indivíduo sobre a sua vida é a expressão da interioridade e afirmação de si mesmo. Assim sendo, não é o conteúdo do relato que importa, mas sim as estratégias de auto-representação do indivíduo. O que se deve analisar na narrativa é a capacidade do narrador de convencer a si mesmo do que é dito.

O ato de narrar permite a recriação da subjetividade por meio da qual o sujeito constrói e atribui significado a sua experiência e identidade. As subjetividades são construídas a partir de experiências construídas pelo trabalho ideológico, por meio das relações materiais, interpessoais, econômicas, e por traços sociais de longa duração que também constituem os sujeitos.

É interessante observar que as três entrevistadas mencionaram uma ideia de que as pessoas entram para a religião umbandista por amor ou pela dor e no caso das três a motivação pessoal foi a dor. Dificuldades no casamento ou com familiares enfermos, em suas narrativas sobre as trajetórias de vida o mito pessoal da mulher que desafia o preconceito da família e da sociedade local está presente.

Eu acho que aqui na cidade de Irati tem muito preconceito, muito preconceito ainda, uma cidade bem preconceituosa. Se na própria família tem gente que tem preconceito, imagina o pessoal de fora. (...) Se eu experimentar sair com minha roupa branca de Umbanda as pessoas vão me olhar, vão me criticar. Irati é bem complicado quanto a isso. Eu perdi muitos amigos, eu perdi muitos clientes, eu fechei a minha loja, de clientes que achavam que era tudo diferente ali. Na verdade a família do meu ex marido criticam que não deu certo porque eu virei umbandistas, eu virei mão de santo. (A, 2019)

Eu sou separada há um bom tempo e perdi relacionamentos. (...) Pessoas que podiam se relacionar com você e quando sabem que você é umbandista e principalmente que você é mãe de santo, as pessoas não se relacionam por medo, por medo. (A, 2019)

François Dosse (2009) ao tratar da hagiografia observa que é recorrente a epifania progressiva que dotaria de sentido a vida do santo, ou seja, a manifestação da santidade estaria presente em vários momentos de sua vida. Poderíamos pensar algo parecido em relação as entrevistadas, guardando as devidas especificidades, A. (2019) por exemplo, menciona que desde a juventude manifestava o poder da vidência com a leitura do tarot. Ou quando D. (2019) afirma que sem saber ao comprar o terreno já estava inconsciente desejava construir o seu terreiro.

Inconscientemente eu pensava em abrir um casa no futuro, eu comprei este terreno em 2008/2009, ainda estava casada com meu primeiro marido. Em 2010 eu me divorciei e em 2010 eu conheci o L., meu atual marido, ele tocava atabaque no terreiro que eu frequentava, (...) em três meses casamos, em três meses construímos a casa e este barracão. (D., 12 de abril de 2019)

A dificuldade de manter a sua liderança dentro da comunidade umbandista também é mencionado pelas entrevistadas, muitos estudos apontam a importância da liderança feminina nas religiões de matriz africana, contudo isso não isenta de relações conflituosas da Mãe de santos e seus filhos, como é possível perceber pela fala de A,

Eu tenho aproximadamente poucos filhos mais ou menos uns 10, cheguei a ter 30. Mas uma casa de Axé quando você tem ela (...) você se apega a um filho de repente ele te abandona ele sai, as vezes sem dizer nada. Geralmente são homens que não querem ser mandados por uma mulher. Mas na realidade são poucos, mas são poucos que cumprem todos os fundamentos. (A. 14 de março de 2019)

Sendo assim, uma das entrevistadas mencionou que alguns filhos saíram do seu terreiro e que ela supõe que os mesmos o fizeram porque se sentiam incomodados em obedecer uma mulher.

## CONCLUSÃO

Portanto, ao analisarmos as narrativas das mães de santo entrevistadas e refletirmos sobre suas trajetórias de vida foi possível perceber como seus papéis de lideranças religiosas, principalmente diante seus filhos e filhas de santo, são narrados pelas formas de compreender os papéis sociais de gênero.

## FONTES ORAIS

Entrevista concedida pela senhora A, às pesquisadoras Nadia Maria Guariza e Vania Vaz em 14 de março de 2019, na cidade de Irati-Paraná, (áudio/ vídeo).

Entrevista concedida pela senhora M., às pesquisadoras Nadia Maria Guariza e Vania Vaz em 15 de abril de 2019, na cidade de Irati-Paraná, (áudio).

Entrevista concedida pela senhora D., às pesquisadoras Nadia Maria Guariza e Vania Vaz em 12 de março de 2019, na cidade de Irati-Paraná, (áudio/ vídeo).

## REFERÊNCIAS

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**: dilemas de la subjetividade contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191. 9 p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

FERREIRA, Amauri Carlos; GROSSI, Yonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectiva e desafios. **História Oral**, v.7, 2004, pp. 41-59.

KOTLINSKI, Jaqueline. **A construção da feminilidade e masculinidade dentro da Umbanda em Irati/Pr**. Trabalho de conclusão de curso, DEHIS/I, UNICENTRO/I, 2018.

LEJEUNE, Philippe. **Je Est um Autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

GUARIZA, Nadia Maria; VAZ, Vania. Do badalo do sino ao batuque do atabaque: Mães de Santo em Irati/Paraná. In: VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil (org.). **Nova História das Mulheres no Paraná**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 75-92.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História oral**, v.3, 2000. pp. 117-127.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Revista Projeto História**, PUC-SP, São Paulo, n. 22, jun/2001.

SANGSTER, Joan. Telling our stories: feminist debates and the use of oral history. In: PERKS, Robert; THOMSON, Alistair. **The oral history reader**. New York: Routledge, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.